



GT 001. A antropologia da morte: perspectivas etnográficas em diálogo.

Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Thiago Zanotti Carminati (Universidade Regional do Cariri) - Coordenador/a

A importância dos estudos sobre a morte é inegável. Nem sempre teve a atenção adequada esse fato universal. Aos poucos, surgem estudos especializados em vários domínios do conhecimento. A morte é um fenômeno físico, social e cultural e desperta muita curiosidade. Um acontecimento, experienciado, vivido de múltiplas formas que implicam os vivos na situação de observadores da morte do outro. Mas há também a não-morte: a carne morre, mas a pessoa vive. A atual proposta, considerando a diversidade de enfoques sobre o fato, objetiva acolher e discutir trabalhos transdisciplinares, sendo que o diálogo com a antropologia é fundamental. Estudos comparativos também são bem vindos, e os enfoques deverão questionar e contextualizar as teorias hegemônicas ocidentais sobre a morte. Preferência ser dada a etnografias que versem sobre a temática, em situações como o suicídio, a morte por desaparecimento, o falecimento como resultado de doenças, a morte misteriosa, o infanticídio, o assassinato, o feticídio e os rituais religiosos ligados; enfim, morte como ligada a contextos políticos, sociais, biológicos e culturais.

Sem medo morte: uma análise antropológica sobre narrativas de Experiências de Quase-Morte

Autoria: Arlindo José de Souza Netto

A morte é um fenômeno que revela importantes aspectos socioculturais. As ciências sociais, em especial a antropologia, já demonstraram o potencial desse fenômeno para além dos seus aspectos biológicos. Neste artigo, a partir das concepções socioculturais da morte, o autor realiza uma análise antropológica sobre narrativas de Experiências de Quase-Morte (EQM). Para tanto, o argumento desta análise é desenvolvido em torno do discurso e das categorias presentes nas narrativas de quase-morte de informantes que experienciaram tal fenômeno, a fim de reconhecer formas de subjetivação e como perspectivas individuais revelam contextos culturais. A argumentação desenvolvida pelo autor, enfatiza que essas experiências podem fomentar questões relevantes para a compreensão de categorias epistemológicas caras à antropologia, como biológica e cultural. Por isso, o artigo é dividido em três perspectivas analíticas: (1) a descrição fenomenológica, onde é definido o que é uma experiência de quase-morte, bem como as descrições dos informantes, seus contextos socioculturais e os contextos em que se deram suas respectivas experiências de quase-morte; (2) os aspectos etiológicos, o autor analisa como a medicina compreende a experiência de quase-morte, apresentando e comparando quais as rupturas e continuidades entre as perspectivas presentes nas falas dos informantes; e, (3) os aspectos pragmáticos, onde é descrito a estrutura narrativa da quase-morte, destacando quais processos são acionados para a constituição dos arcabouços culturais decorrente da experiência vivida, e a comparação entre as estruturas narrativas da quase-morte com as de experiências de conversão, na tentativa de identificar possíveis aproximações e distanciamentos. Como aspectos conclusivos da análise, o autor destaca que as narrativas das experiências de quase-morte apresentam a reconfiguração das ideias, posturas e valores morais dos informantes, e que embora a quase-morte seja classificada pela medicina como um fenômeno biológico, ela aparece no discurso dos informantes como um fenômeno cultural, e, ainda, funciona como um operador ontológico, o qual reconfigura a lógica simbólica, operando significados, sentidos e práticas, entre os quais o significado da morte, que, a partir de



então, é concebida sem medo.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

